

**Ponencia presentada al GT 1:
Comunicación Intercultural y Folkcomunicación**

**Venezuelanas no Brasil: um estudo sobre comunicação e gênero
em experiências migratórias**

Venezuelans in Brazil: a study on communication and gender in migratory experiences

Brenda Pereira Menine ¹

Resumen: Este artigo² tem como objetivo geral compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil e tem como objetivo específico analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR. Ao longo da pesquisa, o olhar intercultural perpassa a discussão teórica, envolvendo conceitos de comunicação, cultura, migração e gênero em articulação com diferentes autoras/es. Em relação à estratégia teórico-metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Em relação aos dados observacionais, a partir de uma inspiração etnográfica, são utilizadas as técnicas: observação participante e entrevista semiestruturada com quatro mulheres migrantes e refugiadas vivendo no novo território, além do diário de campo. Os resultados da pesquisa contemplam o mapeamento dos possíveis papéis da comunicação em contextos migratórios em prol da mulher migrante e refugiada. É nesse contexto inconstante e dinâmico que a comunicação passa a exercer um papel indispensável pela sobrevivência no país de chegada/acolhida. No novo território, a importância da informação correta e clara é fundamental para garantia de direitos, para compreensão dos processos de regularização migratória, para o empoderamento das mulheres no enfrentamento à violência de gênero e para a tentativa de reconstrução de uma nova vida.

Palabras Clave: Comunicação, Migração, Gênero.

¹ Brenda Pereira Menine. Mestra em Comunicação (PPGCOM/UFRGS), Brasil, meninepbrenda@gmail.com.

² Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Venezuelanas no Brasil: interfaces da comunicação em experiências migratórias*, orientada pela Prof^a. Dr^a Elisa Reinhardt Piedras, aprovada em junho de 2022.

Abstract: This article has as a general objective to comprehend the role of communication in the migratory experiences of Venezuelan women in Brazil and has the specific objective analyze the women migrants' production of meanings in relation to the communication present in the process of arrival in Brazil, in Pacaraima/RR. Throughout the research, intercultural look permeates the theoretical discussion, involving concepts of communication, culture, migration, and gender, in articulation with different authors. Regarding the theoretical and methodological strategy, this is a qualitative and exploratory research. Regarding the observational data collection, from an ethnographic inspiration, the techniques that are used are: participant observation and semi-structured interview with four women migrant and refugee living in the new territory, in addition to the field diary. The results of the research contemplate the mapping of the possible roles of communication in migratory contexts in favor of migrant and refugee women. It is in this inconstant and dynamic context that communication starts to play an indispensable role for survival in the country of arrival/host country. In the new territory, the importance of correct and clear information is fundamental to guarantee rights, to understand the migratory regularization processes, to empower women to confront gender violence, and to the attempt to rebuild a new life.

Key words: Communication, Migration, Gender.

A comunicação e o contexto da migração venezuelana no Brasil

Com o agravamento da crise política, econômica e social na Venezuela, o fluxo de migrantes e refugiadas³ cresceu muito nos últimos anos. Esse deslocamento de venezuelanas é o maior êxodo da história recente da América Latina, e a ONU estima que mais de seis milhões de pessoas já deixaram a Venezuela. Na plataforma de coordenação para migrantes e refugiados da Venezuela (R4V), as informações de abril de 2022 indicam

³ Ressaltamos, nesta pesquisa, que os conceitos de migrante e refugiada aparecem juntos, com frequência, mas atentamos para suas distinções. O conceito de migrante contempla todas as pessoas em deslocamento (OIM, 2020), ou seja, seria suficiente para falar de venezuelanas, no entanto, compreendemos a relevância em destacar o conceito de refúgio, nesta dissertação, por entendermos que o perfil das refugiadas demanda um olhar ainda mais específico (mais sensível) devido às vulnerabilidades que são agravadas (ACNUR, 2021).

que as venezuelanas⁴ têm se deslocado para os países vizinhos na América do Sul, em especial, para Colômbia, Peru, Equador, Chile e Brasil (325.763 pessoas).

Mesmo não sendo o país que mais recebeu venezuelanas, o território brasileiro foi muito impactado pela migração, especialmente o estado de Roraima, no extremo norte do país, pela fronteira da cidade de Pacaraima, que é a principal entrada para migrantes e refugiadas, que emigram da Venezuela. A pandemia do Covid-19 provocou o fechamento da fronteira brasileira com a Venezuela por cerca de dois anos.

De acordo com os dados da plataforma R4V⁵, em fevereiro de 2022, o Brasil registrava 93.997 solicitações de refúgio e 184.594 autorizações de residência. A estratégia de interiorização, que promove a realocação de venezuelanas de Roraima para outros Estados do Brasil, em abril de 2022, contabiliza cerca de 70 mil pessoas interiorizadas (desde abril de 2018). As cidades brasileiras que mais acolheram migrantes e refugiadas são Manaus, Curitiba, São Paulo, Dourados e Porto Alegre.

É indispensável, nesse sentido, esclarecermos a diferença conceitual e prática dos conceitos de migração e refúgio no contexto da migração venezuelana. Atualmente, os conceitos mais utilizados são das Agências da ONU – OIM e ACNUR, por serem focadas

⁴ Escrevemos utilizando o gênero feminino na linguagem da pesquisa, pois é o gênero em foco. Além disso, estamos acostumadas a ler as palavras no gênero masculino como se fossem universais. Atentar para essa crítica à linguagem faz parte das discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero. Vale ressaltar, que compreendemos que a linguagem neutra (que evita o binarismo) deve ser explorada e desenvolvida, no entanto, para esta dissertação ressaltamos a importância de priorização no gênero feminino, revelando os possíveis desconfortos que essa possibilidade de escrita possa nos gerar. Portanto, quando tratamos da migração venezuelana, ao longo de todo o texto, a escrita no feminino contempla todas as pessoas, inclusive os homens. As citações diretas das/os autoras/es não são modificadas.

nesse público. Nesse sentido, o ACNUR encoraja as pessoas a diferenciarem “refugiadas” e “migrantes”, para

manter a clareza sobre as causas e o caráter dos movimentos, bem como destacar as obrigações devidas às pessoas refugiadas. Tratar as duas definições como sinônimos, retira o foco de proteções legais e das necessidades específicas vivenciadas por pessoas refugiadas. (ACNUR, 2022).

O conceito de migração, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2021), é mais abrangente, pois contempla todas as pessoas que saíram dos seus locais de origem, ou seja, a palavra migração representa as populações que realizam deslocamentos, independentemente da motivação. Para especificar a migração venezuelana, muitas vezes, a palavra refúgio é utilizada de forma equivocada e generalizada. São consideradas refugiadas apenas as migrantes que não possuem residência no país acolhedor ou documentação necessária para solicitação de residência (OIM, 2021). Também são consideradas pessoas refugiadas aquelas que estão em “situação de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, ou seja, são pessoas que não podem (ou não querem) voltar para seu país de origem” (ACNUR, 2020). A importância de compreendermos essa diferença é fundamental.

A partir temática migratória o objetivo geral da pesquisa é compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil e o objetivo específico é analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR.

Estratégia teórico-metodológica

Esta pesquisa é desenvolvida a partir da perspectiva qualitativa e possui caráter exploratório (GIL, 2008). Para Goldenberg (2007, p. 32) a pesquisa qualitativa “[...] tenta ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem”. Para a autora, diferente das ciências naturais, que se preocupam com generalizações, as ciências sociais devem se preocupar com a compreensão de casos particulares.

Nesse sentido, desenvolvemos a pesquisa a partir da visão das migrantes e refugiadas, deslocando o olhar dos meios para as mediações, e compreendendo a cultura a partir da comunicação. Para Martín-Barbero, a socialidade, mediação que articula matrizes culturais e competências de recepção, é como uma teia de relações, e de usos coletivos de comunicação, que envolvem as relações cotidianas que as pessoas estabelecem com os meios. Angrosino (2009), contribui com um olhar feminista para a etnografia, que buscamos exercitar ao longo da pesquisa.

Para a coleta de dados observacionais⁶, as técnicas de pesquisa priorizadas são a observação participante (PERUZZO, 2005) e entrevista semiestruturada (DUARTE, 2005). Entendemos que essas técnicas nos auxiliam na identificação dos processos comunicativos

⁶ Ressaltamos que a investigação foi desenvolvida respeitando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, propostas pela Resolução-CNS-466/2012. Há, portanto, o compartilhamento dos achados da pesquisa; a assistência ao participante da pesquisa; e o assentimento livre e esclarecido, através do TCLE. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido oportuniza a anuência do participante da pesquisa, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades.

presentes nas práticas socioculturais de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, conforme os objetivos estabelecidos.

Em relação ao papel do/a pesquisador/a, na observação participante, “o pesquisador se insere no grupo pesquisado participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação” (PERUZZO, 2005, p. 133 e 134). Em alguns momentos, os papéis se misturam de tal forma que não é possível dizer quem afeta e quem é afetado/a. Para Silva (2009, p. 179) “trata-se de um processo comunicativo, que tem no diálogo sua instância mais visível (ou audível), mas que não se esgota nele. Esse processo comunicativo sofre refrações no campo”.

Foram realizadas duas entrevistas sucessivas, semiestruturadas, na língua espanhola, com cada fonte (determinadas de acordo com os dados obtidos na observação participante). A primeira entrevista possui um caráter mais abrangente e aborda a história de vida da migrante e seu consumo midiático. (Essa entrevista normalmente tem uma duração maior). Já a segunda, aborda a comunicação no momento de chegada, tende a ser mais rápida e mais tranquila em comparação com as primeiras. Esse cenário foi o mesmo para todas as interlocutoras.

Foram entrevistadas quatro mulheres migrantes e refugiadas, em diferentes fases da vida, atentando para a diversidade de perfis (em relação à escolaridade, profissão, estado civil, maternidade etc.). O principal filtro para definição das fontes foi a faixa etária entre 18 e 60 anos. A tentativa de apresentar um resumo da experiência migratória de quatro mulheres só é possível devido à disponibilidade e à abertura de cada uma delas. O contexto de Pacaraima impossibilita espaços de escuta qualificada, além do tempo e da energia necessárias para entrevistas sensíveis, profundas e densas. O convite para

participar de uma conversa para falar sobre a própria vida é, no mínimo, delicado. Pedir à migrante que exponha sua história é, inevitavelmente, tocar em pontos sensíveis e doloridos da sua trajetória. Ou seja, é necessária uma escuta atenta e humana para entender os tempos de cada uma, o momento de perguntar, silenciar e se deixar emocionar.

Ao final da primeira entrevista, expliquei que preservaria o nome e as informações que pudessem identificar a migrante. Nesse momento, perguntei se havia algum nome que ela gostaria de ser chamada, numa tentativa de humanizar a experiência e dar algum protagonismo. Poderia ser um nome de cidade, algo que ela gostasse, não haveria qualquer julgamento. A resposta veio quase de imediato: Orquídea. Uma flor comum na Venezuela e que ela gostava bastante. Nesse momento, surgiu a ideia de que cada entrevistada indicasse o nome de uma flor, para que as falas pudessem ser endereçadas, de um jeito poético, a cada uma delas. Apresentamos, por fim, um quadro síntese das entrevistas com Orquídea, Margarida, Girassol e Hortênsia⁷.

⁷ Cada entrevistada recebeu uma ilustração exclusiva desenvolvida pela artista Desirrê Ferreira. As ilustrações serão apresentadas neste subcapítulo.

Quadro 1 - Síntese das interlocutoras

Dados de identificação	Orquídea	Margarida	Girassol	Hortênsia
Idade	32 anos	40 anos	23 anos	52 anos
Raça-etnia (autodeclaratória)	Parda	Branca	Branca	Parda e com descendência indígena
Escolaridade	Ensino Superior/ Pós- graduação (Ortodontia)	Ensino Superior (Educação e Direito)	Ensino Médio	Ensino Superior (Administração de Empresas)
Profissão (Venezuela)	Dentista	Professora	Confeiteira	Empresária da área de eventos
Atuação profissional no Brasil	Assistente de campo	Desempregada	Desempregada	Auxiliar administrativo
Estado civil	Casada	Casada	Solteira	Viúva
Filhas/os	Um filho e uma filha	Duas filhas e um filho	Duas filhas e está grávida	Duas filhas e um filho
Tempo de chegada no Brasil (no momento da primeira entrevista)	1 ano	3 meses	2,5 anos	4 anos
Dados das entrevistas	Orquídea	Margarida	Girassol	Hortênsia
Período de realização	Junho de 2021	Setembro de 2021	Novembro de 2021	Dezembro de 2021
Duração total das entrevistas em minutos	142'	216'	94'	158'
Local de realização das entrevistas	Escritório de trabalho	Padaria de Pacaraima	Casa da entrevistada	Casa da pesquisadora

Fonte: Elaborado pela autora.

Discussão teórica e o recorte de gênero no contexto migratório

Entendendo a comunicação a partir das práticas sociais, utilizamos o conceito de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2013) como a categoria que liga a comunicação à cultura. Nesse sentido, Martín-Barbero (2009, p. 11) define que “[...] à luz do que vejo, a comunicação está nos modos de se comunicar das pessoas nas ruas, na casa, na igreja, na praça.” E reforça que “o mais terrível foi se identificar comunicação como transmissão, um conceito muito mecânico.”

Esta pesquisa posiciona-se no campo dos estudos de Comunicação e Cultura, principalmente latino-americanos, articulando os conceitos de comunicação, cultura e migração. Para pensar os processos de comunicação tomamos como referência o mapa das mediações proposto e atualizado por Martín-Barbero (2013). Nossa perspectiva prioriza a instância da recepção, ou seja, o consumo midiático dos sujeitos. Nesse sentido, a recepção é entendida como “um outro lugar a partir do qual o processo inteiro da comunicação deve ser analisado” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 45). Sabemos que as organizações e instituições possuem uma intencionalidade na produção dos meios, mas priorizaremos a produção de sentido dos sujeitos, partindo da premissa que esses sentidos, no universo da recepção, podem ser múltiplos, complexos e até contraditórios em relação às ofertas midiáticas.

Dessa forma, Martín-Barbero (2009) sublinha que a comunicação é mais ampla que os meios e que deve, necessariamente, ser pensada em relação à cultura cotidiana. É o que o autor define no livro *Dos meios às mediações*. A maneira como percebe a pesquisa em comunicação e cultura também é muito inspiradora: “percebi que eu só quero pesquisar o que me dê esperança. Temos que pesquisar não só o que permite denunciar, mas o que permite transformar, mesmo em pequena medida” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 15).

Nesta pesquisa, compreendemos a importância de pensar a comunicação e a cultura em interface com a migração. E concordamos com Martín-Barbero que “[...] a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio transmite ao receptor.” (2003, p. 55). A ressignificação da cultura na comunicação é um marco na obra de Martín-Barbero, pois defende que “não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. Pois, em contraste com o que ocorre na cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra a chave se acha na percepção e no uso.” (1997, p. 72).

Entender o ato de migrar como um ato comunicativo é compreender a comunicação como um processo, simultâneo e codependente das formações culturais. As interfaces entre comunicação, cultura e migração podem ser exploradas em estudos de recepção. Martín-Barbero atenta para a produção de sentidos e define que o processo de consumir não é apenas reprodução de forças. Para o autor, consumo é “[...] lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 302).

Destacamos, até aqui, que a comunicação é compreendida, portanto, como um processo complexo e intercultural, em que a recepção é uma das dimensões constituinte, em que os sujeitos participam, integram, constroem e transformam esse fluxo. Nessa perspectiva, compreendemos os sujeitos como seres múltiplos e intimamente afetados pelos contextos, pelas experiências e pelas culturas, assim, essas subjetividades influenciam os processos de produção de sentidos e apropriações.

A discussão sobre gênero, na pesquisa acadêmica do Brasil, ocorre há poucas décadas. De acordo com Louro (1995, p. 102), “apenas muito recentemente, em nosso

meio, os estudos de gênero (ou de relações de gênero) passaram a ocupar algum espaço nas discussões acadêmicas”. Por isso, dedicamos um espaço neste artigo para pensar as relações de gênero e o feminismo no contexto migratório. Posicionar essa pesquisa como feminista significa que é “[...] assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar.” (LOURO, 1997, p. 143).

A construção de gênero também se faz por sua desconstrução. De acordo com a autora, é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. “Há um esforço para dar visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito; portanto o tema sai das notas de rodapé e ganha o corpo dos trabalhos.” (LOURO, 1995, p. 102). A constante invisibilidade da mulher migrante, nos contextos de deslocamentos humanos, produz sentidos estereotipados das suas vivências (COGO E THEODORO, 2018). Para esta pesquisa, se torna essencial a compreensão do conceito de gênero:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

De acordo com Louro (2010), pensar o gênero como instável, transitório, provisório, negando sua homogeneidade e fixidez passou a ter importância atualmente. Para a autora é necessário “afastar-se do centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média.” (LOURO, 2010, p. 42).

Buscamos entender a migração como uma experiência de gênero e, para isso, é preciso reconhecer que os sistemas sociais perpetuam as desigualdades entre homens e mulheres. Nesse sentido, incorporar uma perspectiva de gênero é refletir sobre as mulheres venezuelanas e suas experiências migratórias, no âmbito da comunicação e da cultura, contemplando as identidades e diferenças presentes no contexto migratório.

Pensar a pesquisa em comunicação com interface gênero-migração, de acordo com (COGO, 2017, p. 181) “situa-se como um campo de estudos recente no âmbito das teorias migratórias, no qual as dinâmicas de feminização das migrações internacionais passam a assumir centralidade.” Cabe, no entanto, destacar que a discussão de questões de gênero é sensível, pois o conceito binário já transcendeu para inúmeras outras posições e ainda dentro dessas inúmeras posições, há pessoas que vivem na fronteira entre elas.

Reconhecemos as especificidades das trajetórias de mulheres migrantes, em relação às responsabilidades e às vulnerabilidades, e compreendemos a dinâmica das diferenciações das estratégias entre mulheres e homens em relação às sociedades de chegada/acolhida.

Por fim, entendemos que o olhar intercultural, a partir de um marcador de gênero, possibilita a reflexão sobre os papéis possíveis da comunicação e da cultura na promoção da igualdade de gênero e do empoderamento das mulheres migrantes e refugiadas, compreendendo as incertezas entrelaçadas desse conceito. O recorte de gênero, nesta pesquisa, nos permite uma abordagem empírica das relações sociais no contexto migratório, a partir da comunicação e da cultura. E, partir da aproximação com o campo, pelo encontro com os sujeitos migrantes, ou seja, com as mulheres migrantes e refugiadas, e em seus relatos, nas suas experiências cotidianas e no diálogo a partir de suas práticas e

processos comunicativos, buscamos dialogar sobre as interfaces entre comunicação, cultura e migração, no contexto de Pacaraima/RR.

A partir da discussão teórica, compreendemos que os contextos migratórios, colocando em pauta a interculturalidade (e as diferenças culturais), podem ser considerados muito relevantes para pensarmos a comunicação e as questões de gênero nos dias de hoje.

Experiências migratórias de mulheres venezuelanas atravessadas pela comunicação

A partir das entrevistas, conhecemos experiências migratórias de quatro mulheres venezuelanas de faixas etárias distintas. Conforme indicamos na metodologia, as interlocutoras chegaram no Brasil em períodos diferentes, mas compartilham a mesma motivação: a crise econômica, política e social da Venezuela.

A seguir, apresentamos brevemente os perfis de cada uma, destacando a centralidade das falas que surgiu nas entrevistas. Orquídea dedicava boa parte do tempo ao trabalho. Se dividia entre o consultório odontológico, uma pequena loja de produtos para dentistas e as aulas que ministrava na universidade. A profissão, sem dúvidas, é central na fala de Orquídea. Para ela, como migrante, recomeçar e “deixar tudo para trás é a parte mais difícil”. (ORQUÍDEA, 2021).

A vida de Margarida é atravessada pela situação política na Venezuela. Sua família é vista como “inimiga do governo” e seu esposo é um perseguido político que não tem permissão de sair do país por meios regulares. É a partir desse lugar, repleto de insegurança e medo, que decide migrar sozinha, aos 40 anos, e deixar os filhos na Venezuela até se estabelecer no Brasil. (MARGARIDA, 2021).

Girassol é uma jovem que migrou aos 20 anos para o Brasil. Nunca havia saído da cidade em que nasceu na Venezuela e relata que a partir de um sonho decidiu que o Brasil seria seu destino. A história de vida dessa jovem é composta por inúmeras situações de violência de gênero. Cresceu num ambiente em que via o pai ser violento com a mãe, viveu um relacionamento abusivo com seu companheiro por vários anos e, ao chegar no Brasil, se deparou com a violência outra vez.

A experiência migratória de Hortênsia começou há mais tempo. Já esteve em diferentes estados do Brasil e não se adaptou. Prefere viver na fronteira, para se sentir mais próxima da Venezuela. Hortênsia ficou viúva muito cedo e educou os filhos sem o apoio de um companheiro. Se orgulha disso e da criação de uma empresa em que a família toda se envolvia. Era empresária do ramo de eventos e cada uma das filhas realizou treinamentos de decoração de ambientes, confeitaria e animação de festas. Todos vivem na mesma casa e compartilhavam do café da manhã ao jantar. A centralidade na fala de Hortênsia está na fé, na esperança de uma vida melhor.

É possível observar que os primeiros meses são marcantes e simbólicos na vida das migrantes. É um período de adaptação, sofrimento e medo do desconhecido. Mesmo que cada uma relate esse começo de maneiras diferentes, é possível notar a emoção nas falas, as lágrimas nos olhos, a resistência às lembranças e o alívio por ter passado dessa fase.

Destacamos, a seguir, algumas temáticas transversais às mulheres venezuelanas, em experiência de migração, dentre elas: laços familiares e afetivos; dimensão do trabalho; contexto da Venezuela; migração forçada; saúde mental, violência e discriminação; futuro e comunicação e consumo midiático. Apenas duas temáticas específicas foram identificadas: fé e religião e perseguição política.

A comunicação e o consumo midiático estão presentes nessas vivências, através de distintas formas, observadas e destacadas nas falas das interlocutoras, dentre elas: a dificuldade de acesso às mídias, a importância das relações interpessoais e sociais, as limitações comunicacionais ocasionadas pelo idioma e pela linguagem, a importância da escuta, o excesso de informação, entre outras questões comunicacionais.

Neste artigo, abordamos apenas duas temáticas: *saúde mental, violência e discriminação* (por entendermos como um agravante das questões de gênero) e *comunicação e consumo midiático* (por ser o foco desta pesquisa). Em relação à temática *saúde mental, violência e discriminação*, todas as informantes relatam a xenofobia, o machismo, a exposição ao estresse profundo e tantas outras situações que desestabilizam as mulheres migrantes e refugiadas. Além disso, supor que as pessoas se entendem facilmente é um erro, que apesar de comum, pode gerar inúmeras situações de violência, especialmente para as mulheres. Margarida (2021) relata como se sente vivendo em Pacaraima:

Estar aqui na fronteira também me assusta um pouco. Há uma pressão psicológica. Eu tenho medo de qualquer coisa aqui e que me digam que vão me mandar para Venezuela. É uma situação, de verdade, traumática. É uma situação difícil. Nós chegamos aqui sem nada e durante a viagem ainda nos tiram coisas. Pediram meus sapatos para me deixar passar. Isso é muita humilhação. É uma questão de direitos. (MARGARIDA, 2021).

A vida de Girassol é atravessada pela violência desde a infância na Venezuela e, infelizmente, a realidade no Brasil não foi diferente. A informante relata, na fala a seguir, a violência sofrida pela mãe e a relação abusiva que viveu com o pai dos seus filhos:

Não tem sido fácil pra mim, de verdade. Eu tenho atravessado muitas coisas, como todo migrante. Aguentar humilhações, passar necessidades. Mas tento dar

graças a Deus, pelo bom, pelo mau e pelo maravilhoso. [...] Minha mãe, apesar de não ter feito faculdade, não ter muito estudo, eu admiro muito ela. Como muitas mulheres, em todo o mundo, ela aguentou a violência do meu pai. Meu pai a enganava muito. E quase sempre foi ela quem trabalhou. [...] Nós ficamos desde que eu era muito jovem, eu tinha 14 anos. Jamais imaginei que ele seria capaz de fazer isso. Jamais. E agora ele é pai dos meus filhos. Ele, de qualquer maneira, também me maltratava psicologicamente, às vezes fisicamente. Mas eu permanecia ali. Porque eu fui criada assim, que a mulher deve ficar ali, zelar pela família e aguentar. [...] Nunca foi uma relação saudável, nunca foi. Eu sei disso agora. Essa cicatriz que eu tenho no lábio foi dele, um soco que ele me deu quando estava bêbado. E, outras vezes, ele dizia que eu não servia, que eu sempre ia depender dele, me ofendia, me puxava pelo cabelo, esse tipo de coisa. Sair dessa relação foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Porque foram muitas brigas, muitas discussões. (GIRASSOL, 2021).

Girassol, também registra como é difícil o momento de chegada para uma mulher que migra, apesar de tentar dar um tom positivo à experiência migratória.

Eu tinha medo, pois não conhecia nada nem ninguém. Não tinha alguém para me receber, não tinha ninguém por mim. Homens e mulheres estão expostos ao perigo, mas a mulher está mais. Por ser mulher. Estar sozinha, sem saber exatamente aonde chegar, sem saber com que tipo de pessoa vai encontrar no caminho, ao chegar aqui. Poderiam ter passado coisas horríveis comigo, mas fui afortunada. Cheguei bem e, felizmente, foi tudo como eu planejava. (GIRASSOL, 2021).

Em relação à temática *comunicação e consumo midiático*, os conteúdos não alcançam a maioria das pessoas, ou seja, a retenção é mínima ou inexistente. A comunicação das organizações da/na Operação Acolhida⁸ é essencial, mas insuficiente. As

⁸ A Operação Acolhida está presente na cidade de Pacaraima desde fevereiro de 2018. Comandada pelas Forças Armadas do Brasil e pelas Agências da ONU, a OIM e o ACNUR, compreendemos que a Operação ampliou a atuação na fronteira brasileira com a Venezuela, e qualificou a entrada de migrantes e refugiadas. A Operação tem como objetivo proteger as venezuelanas que atravessam a fronteira, prestando auxílio humanitário para as pessoas em situação de vulnerabilidade. A Operação, visa, portanto recepcionar, abrigar e interiorizar migrantes e refugiadas provenientes da crise humanitária na Venezuela.

mulheres sabem que os materiais existem, mas não lembram de nenhum, não conseguem mencionar os conteúdos ou qualquer aprendizado. Partir da compreensão que as mulheres têm de comunicação, sem limitar ou definir previamente, talvez tenha sido um dos resultados mais potentes da pesquisa. Por mais que o roteiro das entrevistas traga a comunicação de uma forma abrangente, cada entrevistada teve a oportunidade de falar sobre o que entende por comunicação. E, nesse sentido, além de compreenderem a comunicação como um direito humano, que está relacionado à possibilidade de diálogo e participação social e comunitária, as interlocutoras ainda avaliaram a comunicação existente e descreveram propostas de como seria uma ação comunicativa ideal na fronteira.

Ou seja, para nenhuma das interlocutoras conceituamos o que compreendemos por comunicação. A proposta do roteiro era exatamente observar a compreensão das migrantes sobre o que é comunicação. Margarida, quando questionada, respondeu: “de qual comunicação? Da interação com as pessoas?”. Perceber que as mulheres tinham concepções de comunicação que transcendem os meios de comunicação foi possivelmente um dos resultados mais potentes da pesquisa. A comunicação do cotidiano, entre as pessoas, ainda pulsa em contextos migratórios. Margarida, nesse sentido, acredita que a centralização da comunicação da Operação Acolhida é uma característica positiva.

O relato de Girassol é talvez o mais surpreendente de todos. É uma mulher jovem que descreve com certo constrangimento a falta de acesso à comunicação, às tecnologias e às redes sociais. Sem dúvidas, é um relato potente que nos indica que nem todas as pessoas estão conectadas.

Quando eu era adolescente, lembro que queria comprar algumas revistas, mas não tínhamos dinheiro. [...] Eu não tenho celular, mas eu tenho um Facebook. Uso pouco, mas tenho. Eu não sei. Eu cheguei sem saber nada e só consegui porque algumas pessoas me ajudaram. Sempre há alguém com bom coração, com

vontade de ajudar. Cheguei aqui, sem compreender o idioma, sem conhecer as pessoas. Mas lembro que, no começo, umas mulheres estavam dando curso de português e eu me inscrevi. Elas ensinavam o idioma com materiais sobre direitos, direitos humanos, direitos das mulheres. Era bom. A Operação Acolhida sempre apoiava com sessões informativas, sempre havia alguma pessoa dando informações ou alguns kits de higiene, coisas assim. (GIRASSOL, 2021).

Em consonância com os tensionamentos que atravessam o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas, as práticas de consumo midiático de todo material que está circulando no contexto da Operação Acolhida, a partir das organizações, é escassa. No contexto pesquisado, com as quatro mulheres migrantes e refugiadas, especificamente, apenas uma mencionou espontaneamente um material de comunicação desenvolvido pelo UNFPA. Esse material consiste em um folder direcionado às mulheres migrantes.

Reflexões finais

Os resultados da pesquisa nos possibilitaram descrever como as mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas compreendem a comunicação no processo de chegada ao Brasil. A comunicação, nesse cenário, é percebida como essencial para a experiência migratória e para a garantia de direitos no novo território.

É nesse contexto inconstante e dinâmico que a comunicação como possibilidade de expressão e arte praticamente não existe, e passa a exercer um papel indispensável pela sobrevivência no país de chegada/acolhida. No novo território, a importância da informação correta e clara é fundamental para garantia de direitos, para compreensão dos processos de regularização migratória (que varia de país para país), para o empoderamento das



mulheres no enfrentamento à violência de gênero e para a tentativa de reconstruir uma nova vida.

Em relação ao objetivo geral da pesquisa de compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil, identificamos que a situação de extrema vulnerabilidade social das migrantes posiciona a comunicação num outro lugar possível, um lugar de necessidade básica, tal qual alimentação e acesso à saúde, por exemplo. A comunicação nesse contexto migratório de mulheres venezuelanas, no momento de chegada ao Brasil, deveria buscar o desenvolvimento de competências comunicacionais interculturais, sobretudo linguísticas, sociais e pedagógicas, que facilitassem a consciencialização cultural, a luta contra os preconceitos e os estereótipos e, que promovessem atitudes e práticas interculturalmente competentes e inclusivas, gerando o empoderamento feminino, e profissionais e cidadãos culturalmente sensíveis em relação às vulnerabilidades potencializadas pela migração.

Defendemos que a perspectiva da comunicação, no contexto de Pacaraima, é a única imaginável e possível para contribuir de forma positiva com a acolhida das migrantes. Num território de fronteira, é somente um olhar que reconhece as mulheres como sujeitos de direitos, que legitima suas trajetórias de vida e acolhe suas fragilidades, que uma comunicação emancipadora e igualitária é possível. Mas, além de tudo, a comunicação deve estar em sintonia com as realidades e os contextos. Sem uma perspectiva que contemple as diversidades e diferenças dos sujeitos, não há contribuição autêntica que vise a autonomia e as soluções duradouras para construção de uma vida digna.

Por fim, analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR, é uma contribuição para o campo da comunicação. É partir desse repensar as práticas



comunicacionais, em contextos migratórios, que podemos imaginar uma sociedade em que todas as pessoas têm acesso a direitos. Um resultado que não esperávamos, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi a urgência de considerar as pessoas que não possuem acesso às tecnologias digitais. Como discutir o acesso à internet em uma cidade sem saneamento básico? Precisamos, urgentemente, entender que nem todas as pessoas têm acesso aos meios de comunicação.

Há, sem dúvidas, inúmeras práticas comunicacionais que poderiam/deveriam ser repensadas no contexto de Pacaraima. Os dados observados ao longo da pesquisa nos indicam que a tradução de todos os materiais seria uma boa prática eficiente, além da relação das informações disponíveis nos materiais de comunicação com os serviços públicos ofertados na cidade de Pacaraima, especialmente referentes à saúde, à segurança e à educação.

Referências

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Brasil é o país da América Latina com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos.** [S.l.], 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-pais-da-america-latina-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Global Trends.** Forced displacement in 2019. Genebra: ACNUR, 2019. Disponível em: https://www.unhcr.org/5ee200e37/#_ga=2.90975514.1805306770.1624987974-1254900308.1623942497. Acesso em: 30 jun. 2021.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.



COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das migrações e diversidade cultural para comunicadores migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICS. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 1, 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.62-83.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, História e Educação**: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. *In*: SOUSA, Mauro Wilton. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Braziliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.



MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os Exercício do Ver: Hegemonia Audiovisual, FicçãoTelevisiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. [Entrevista cedida a] Mariluce Moura. **Revista Fapesp**, São Paulo, ed. 163, set. 2009a. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **O propósito da OIM (A propósito de la OIM)**. [S.l.], OIM, 2020. Documento eletrônico. Disponível em: <https://www.iom.int/es/proposito-de-la-oim>. Acesso em: 09 jun. 2021.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

R4V. **PLATAFORMA DE COORDINACIÓN INTERAGENCIAL PARA REFUGIADOS Y MIGRANTES**. PLATAFORMA REGIONAL DE COORDENACIÓN, [s.l.]. Disponível em: <https://r4v.info/es/situations/platform/location/7509>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, Hélio R. S. A Situação Etnográfica: Andar e Ver. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

THEODORO, Hadriel Geovani da Silva; COGO, Denise. DA DIÁSPORA QUEER: entre (in)visibilidades sociocomunicacionais e o exercício de cidadania. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 17., 2018, Minas Gerais. **Anais [...]**. Brasília: Compós, 2018.